



CMUHE044783

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. O começo de tudo: Fazenda Santa Genebra, do Barão Geraldo de Rezende, era modelo no campo da cafeicultura, graças à associação entre o Barão e o IAC; mão-de-obra era escrava e imigrante. Semana 3: o tempo certo da informação, Campinas, v.2, n.19, dez. 2003. (Barão 50 anos)

Texto: Olga von Simson
Especial para o Semana 3
semana3@semana3.com.br

Zona de terra roxa, ideal para a cafeicultura, a região do distrito de Barão Geraldo foi ocupada de início com fazendas de cana de açúcar desenvolvidas nas antigas sesmarias, mas só conheceu uma intensificação da atividade agrícola com a chegada das plantações de café na 2ª metade do século XIX.

Elas transformaram a região numa zona não só de muita produção nas duas maiores fazendas (Santa Genebra e Rio das Pedras), mas

também num dos locais em que se realizaram experimentações com novos tipos da rubiácea (café) e equipamentos modernos para o beneficiamento do café.

Nessa época, o Barão Geraldo de Rezende associou-se aos agrônomos e técnicos do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) e transformou sua fazenda Santa Genebra numa espécie de propriedade modelo para inovar no campo da cafeicultura.

Para isso ele buscou os espécimens melhor adaptados ao solo e clima da região, assim como novas formas de tratamento dos grãos antes

da comercialização.

Primeiro foram os escravos, poucos africanos e muitos crioulos (já nascidos no Brasil e vindos do Nordeste, após a extinção do tráfico negreiro), que funcionaram como a mão-de-obra básica para tocar os enormes cafezais do distrito.

Com a intensificação do movimento abolicionista, foram instalados nas antigas senzalas os imigrantes italianos, portugueses e espanhóis. Eles, substituindo os negros, primeiro como parceiros e depois como colonos, tocavam com o trabalho familiar, grandes trechos dos cafezais.